

Cabral, Bernardo

16 MAR 1997

Cassação vem à tona para apagar o passado recente

Senador lembra que poderia estar no STF se não tivesse sido punido

• BRASÍLIA. As referências ao currículo são freqüentes nas intervenções do senador Bernardo Cabral (PFL-AM) na presidência da CPI dos Títulos Públicos. Na semana passada, o senador José Serra (PSDB-SP) tentou reformular uma de suas perguntas. Foi cortado por Cabral sob o argumento de que o depoente estava sendo constrangido. Como Serra insistiu, Cabral lançou mão de sua história.

— O senhor foi embora do país, mas eu fui cassado. Eu hoje podia ser ministro do Supremo Tribunal Federal, mas estou aqui.

Serra não se deu por vencido e refez a pergunta, comentando mais tarde com um amigo:

— Ele não é meu chefe. Se continuasse subindo o tom, eu ia pagar para ver.

Senador quer deixar na CPI a marca de um juiz isento

Cabral tem conduzido com segurança a CPI. Quer deixar a marca do juiz isento. E age como um juiz em detalhes, escolhendo mesmo um vocabulário estranho ao Parlamento. Descreve um depoimento como uma oitiva (audição), por exemplo. Inicia os interrogatórios dizendo às testemunhas que não devem sentir-se acuadas e que estão ali apenas para dar informações. Usa tudo o que aprendeu na advocacia. Mas é político, e deixa que os colegas também façam política.

Transmitida ao vivo pela TV Senado, a comissão é um palco privilegiado para senadores em véspera de ano eleitoral. E a campanha corre solta, sem censura de Cabral. Numa das sessões, um garçom passou em frente às câmeras no momento em que Cabral falava. Ele esperou e se justificou, dizendo que o garçom estava conversando. ■